

* Neoépica, Lda.

** Instituto de Lenguas y Culturas del Mediterráneo – Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma (CSIC)

Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa

Nuno M. Neto*

Paulo M. Rebelo*

Ricardo Ávila Ribeiro*

Miguel Rocha*

José Ángel Zamora López**

Resumo No decurso de trabalhos de escavação arqueológica, da responsabilidade da Neoépica, decorridos na baixa lisboeta surgiu uma nova inscrição fenícia, reutilizada como parte de um muro de época romana, que pode ser datada paleograficamente por volta do século VII a.C. Trata-se da inscrição funerária de um indivíduo com possível nome local. O achado (a mais antiga amostra datável de epigrafia lapidar encontrada até hoje na Península Ibérica) constitui-se como prova de uma antiga e intensa presença fenícia na costa atlântica do Extremo Ocidente¹.

Abstract Excavation campaigns carried out by Neoépica in downtown Lisbon have uncovered a Phoenician grave stele from the 7th century B.C.E. Used as an architectural component of a Roman building this stele commemorates the death of an indigenous inhabitant. The stele grave expresses the coexistence of Phoenicians with Western Atlantic populations beyond the 7th century B.C.E.

¹ Os autores gostariam de agradecer a Eurico Sepúlveda, Guilherme Cardoso e Vanessa Filipe pela observação de materiais e pelo trabalho de tradução.

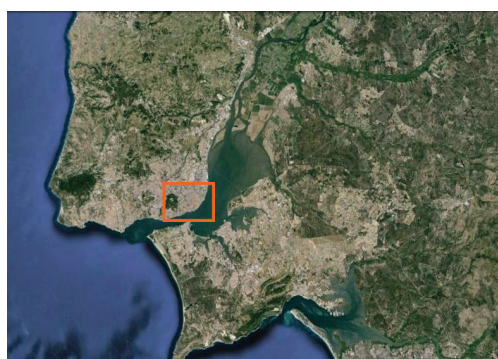
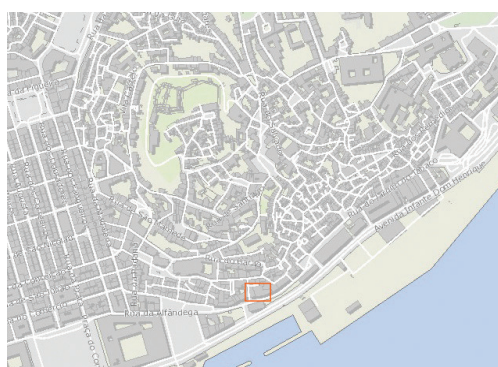


Fig. 1 – Implantação da área em análise e da zona da intervenção sobre imagens de satélite e na planta da cidade de Lisboa (Fonte: Google Earth; Sapo Maps; Lisboa Virtual).



1. Contexto arqueológico e suporte epigráfico

A epígrafe fenícia foi identificada aquando dos trabalhos de escavação arqueológica, da responsabilidade da Neoépica Arqueologia & Património, Lda., realizados no bairro de Alfama (Lisboa), no espaço dos antigos armazéns Sommer, limitados a sul pela Rua Cais de Santarém e, a norte, pela Rua de São João da Praça. O sítio encontra-se na designada colina do Castelo de São Jorge, implantado na sua face sul, abaixo da zona da Sé de Lisboa, já junto à margem direita do Rio Tejo.

Na Época Pré-Romana a colina do Castelo de São Jorge estaria limitada a sul pelo rio Tejo, bem como por um braço de rio que se desenvolveria para oeste onde hoje se encontra a Praça do Comércio, na Baixa Pombalina (Arruda, 1999–2000, p. 113). Estamos assim perante um espaço que, para além de se encontrar junto à linha de costa, permitiria boas condições de visibilidade e controlo da paisagem, encontrando-se ainda junto de uma grande via fluvial que possibilitaria uma circulação para o interior, nomeadamente até Santarém, onde se registou uma intensa ocupação da Idade do Ferro.

Diversas intervenções realizadas ao longo das últimas décadas na cidade de Lisboa levam-nos a acreditar na fundação de um povoado da Idade do Ferro na colina do Castelo de São Jorge durante o século VII a.C. Os dados recolhidos na Sé de Lisboa (Amaro, 1993; Arruda, 1999–2000), Rua dos Correeiros (Arruda, 1999–2000; Arruda, 2014; Bugalhão, 2001; Sousa, 2011), Castelo de São Jorge (Arruda, 1999–2000; Pimenta, 2003), Rua de São Mamede (Pimenta & alii,

2014), Rua de São João da Praça (Pimenta & alii, 2005, 2014) e agora nos Armazéns Sommer são ilustrativos de uma prolífica e complexa ocupação com evidentes afinidades ao mundo orientalizante.

Do ponto de vista geológico, a zona caracteriza-se pela existência de camadas do Miocénico, formadas por areias e depósitos fluviais, com bancadas de argilitos e depósitos pelíticos de planície de inundação, de coloração amarela. Podemos ainda encontrar calcários, bem como uma bancada carbonatada, gresosa, rica em moluscos e algas.

A estela fenícia encontrava-se em posição secundária, utilizada como recurso arquitetónico do aparelho de alvenaria de um muro de cronologia romana. A estrutura que continha o monólito apresentava uma orientação N–S, sendo parte integrante de um compartimento. Os materiais recolhidos na sua vala de fundação permitem um enquadramento cronológico entre os séculos II e I a.C., devendo a estrutura ter sido utilizada pelo menos até ao século II d.C., exibindo um traçado ortogonal que perpetua um urbanismo radicado na Idade do Ferro. A sua construção caracteriza-se pela utilização de elementos pétreos, essencialmente blocos de calcarenitos de proveniência local, com dimensões

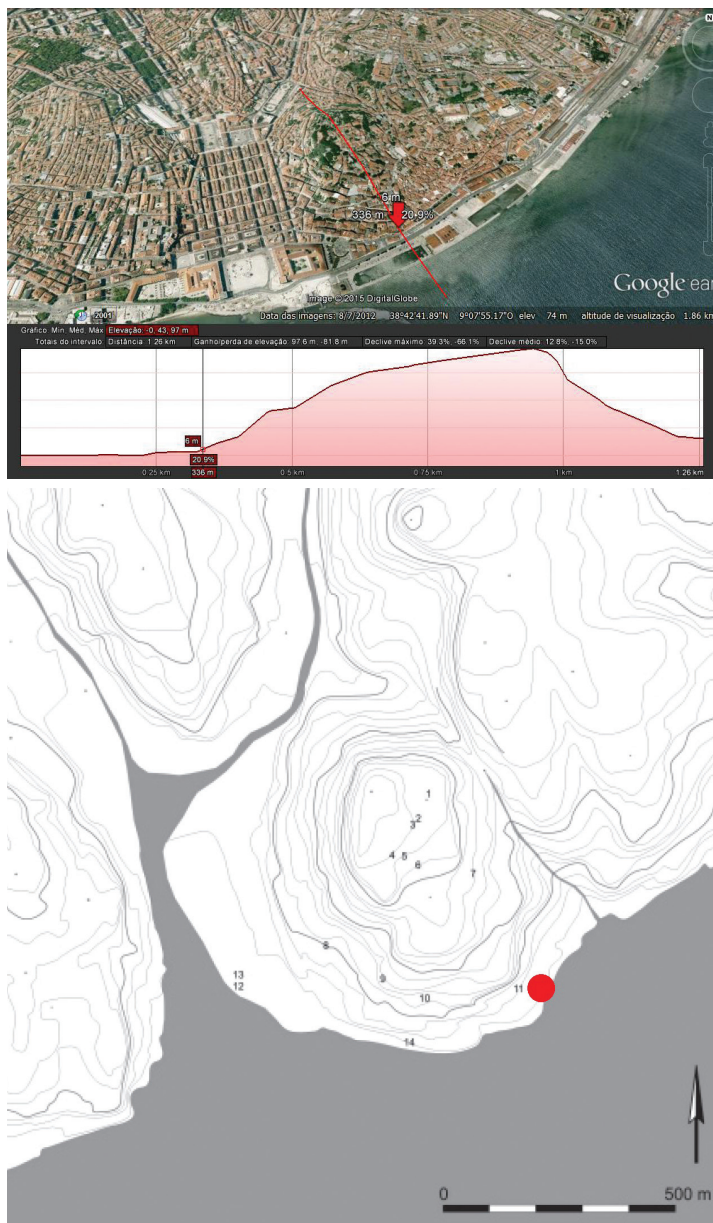


Fig. 2 – Imagem do perfil topográfico da colina do Castelo de São Jorge com a implantação da área do achado junto à margem direita do Rio Tejo (fonte: Google Earth).

Fig. 3 – Localização do achado sobre mapa orográfico da cidade de Lisboa onde se implantam contextos pré-romanos (Pimenta & alii, 2014, fig. 7).

dísparos, ligados por terra argilosa e apresentando revestimento de argamassa de cal no seu último terço superior e unicamente no alçado oeste. Mantinha uma altura preservada de 1,30 m e uma largura de 0,5 m. É no decurso da construção desta estrutura que se dá a reutilização da estela. Usada como laje, é colocada na horizontal no aparelho construtivo, constituindo com os demais blocos fiadas regulares ao longo da estrutura. Os elementos pétreos apresentam-se afeiçoados em ambos os alçados, tendo-se registado neste processo o corte da estela como forma de regularização da face oeste

do muro. Verifica-se no suporte marcas de corte na margem esquerda que, contudo, não deverá ter alterado em demasia o formato geral da peça, bem como o próprio texto. As truncaturas que apresenta nas extremidades de topo e basal (cortando o conteúdo da terceira linha), não nos parecem resultado da sua adaptação a elemento arquitetónico murário, uma vez que aquando da sua acomodação ao muro não haveria qualquer constrangimento arquitetónico a uma maior longitude do elemento. Acreditamos que essa destruição terá ocorrido em momento(s) precedente(s) ao da construção da estrutura murária.

O muro assenta sobre estruturas da Idade do Ferro, cortando também a sua vala de fundação contextos romanos republicanos. O setor da intervenção arqueológica onde foi efetuado o achado revelou uma larga e ininterrupta diacronia, remontando ao século VII a.C., período em que registámos o primeiro momento desta ocupação da margem direita do Rio Tejo. Esta apropriação define-se desde logo por um reticulado ortogonal, guiado sensivelmente pelos eixos cardeais. Partindo de uma estrutura murária de defesa dos elementos costeiros, com orientação E-O, apõe-se perpendicularmente uma estrutura de eixo N-S. É a partir daqui que se organizaram as bases da ocupação, continuada por toda a II Idade do Ferro e perpetuada pela densa sequência de estruturas romanas que reticularam o subsolo da zona baixa da antiga *Olisipo*.

O suporte epigráfico encontra-se sobre um bloco talhado, de calcarenito fino, mais comprido que largo e de pouca espessura (as suas dimensões são 72 x 54 x 10 cm) adquirindo a aparência de uma laje de forma sub-retangular. Foi encontrada incompleta (quer por ter sido cortada para ser encaixada no muro, quer por uma ou várias fraturas anteriores). Com segurança nota-se a falta da sua parte inferior; podendo também ter sido cortada em alguma das outras faces (registar-se por exemplo marcas de deterioração na sua face esquerda) não sendo contudo claro (vid. *infra*).

Os caracteres surgem numa das faces largas da laje, formando uma inscrição com três linhas conservadas (a última danificada). A escrita (e, como veremos, também a língua) é claramente fenícia.

2. Paleografia e datação

A escrita é de tipo fenício, fortemente esquemática e de aparência arcaica, especialmente alguns dos seus caracteres, se bem que outros tenham traços mais modernos. Ambos os elementos (o tipo de traço e a convivência de letras com, aparentemente, datação distinta) poderiam fazer-nos duvidar da sua autenticidade senão tivesse sido encontrada em contexto arqueológico seguro, realçando a sua singularidade.

Depois de um estudo paleográfico detalhado, propõe-se, como datação mais provável para a epígrafe, algum momento do século VII a.C. Quase todos os grafemas da inscrição têm efetivamente paralelos que se situam entre os finais do século VIII a.C./princípios do VII e meados/finais deste último século. Neste intervalo, de acordo com os paralelos disponíveis, alguns caracteres são algo arcaizantes, apresentando contudo uma continuidade razoável; alguns outros grafemas apresentam-se algo mais evoluídos, sendo igualmente possível a sua vigência já nesta época. Pelo contrário, quanto mais nos afastamos das datas propostas (em especial dos dois primeiros terços do século VII a.C.), a probabilidade desta coerência decresce.

3. Leitura e interpretação

A leitura dos caracteres visíveis, divididos em três linhas conservadas, é a seguinte:

- 1 *m š b t*
- 2 *w d/r b r b n*
- 3 *(-)--l d/b/r d/b/r d/b/r*

A palavra que inicia o texto e que serve de chave para a sua compreensão é *mšbt*, “estela”, o que sugere que a laje inscrita deve ter estado originalmente erguida na vertical² tendo muito provavelmente uma função funerária (pois é este geralmente o uso habitual do termo³). Nestes contextos, a sua menção é seguida da de um defunto, que com efeito parece figurar na linha seguinte, pois no seu final pode ler-se a palavra *bn*, ‘filho’, indício comum de uma referência pessoal com filiação. Imediatamente antes deve apresentar-se um nome próprio, que contudo não é

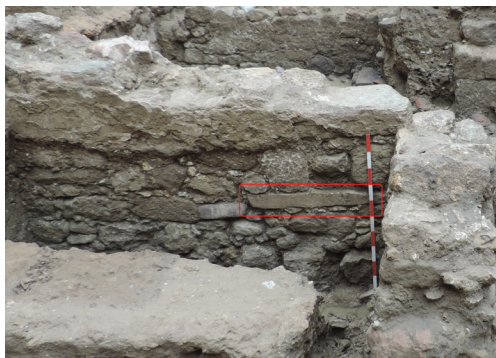


Fig. 4 – Alçado oeste. Indicação do posicionamento da estela funerária no aparelho pétreo do muro.



Fig. 5 – Trabalhos arqueológicos que revelaram a estela funerária.

um antropónimo fenício comum: a sua leitura mais provável é *wrbr* ou *wdb*, ambas formas alheias ao semítico do Noroeste⁴. Na terceira linha, bastante danificada, deveria situar-se o nome do pai do defunto: após dois ou três signos perdidos, lê-se a sequência *lbdr* (ou uma combinação parecida) novamente de difícil identificação em fenício. Talvez tanto o defunto como o seu pai tivessem nomes locais. A inscrição (se continuasse numa quarta linha perdida) poderia traduzir-se (com vocalizações convencionais) como “Estela (funerária) de Wadbar filho de [--]lbadar”, ou similar. Estamos assim perante um documento tremendamente interessante: uma inscrição funerária, com escrita e língua fenícia, verossimilmente inscrita *in situ* no extremo Ocidente do mundo antigo em época arcaica; um texto que mostra que um indivíduo, aparentemente de nome e filiação local, se fez sepultar incorporando no seu ritual costumes próprios dos fenícios (que incluíam pelo menos o erguer de uma estela inscrita em língua e escrita fenícia). Trata-se de um achado de indubitável interesse para a compreensão dos processos de interação em curso na área atlântica portuguesa já no século VII a.C.

A inscrição fornece igualmente alguns dados

² A posição da palavra no texto indica que este se conserva integral na sua parte superior e direita, provavelmente também na parte onde as linhas se iniciam formando aparentemente uma margem regular. Embora se encontrem traços de um afeioar do suporte, talvez não esteja em falta muito da sua face esquerda, pois nenhuma letra surge incompleta. É ainda de notar que não são comuns estelas apresentando uma largura muito maior nem textos com uma palavra no cabeçalho demasiado isolada ou descentrada. Sobre a integridade do texto, será aprofundada na edição detalhada.

³ Vid. Hoftizer & Jongeling, 1995, pp. 676–677.

⁴ A existência em fenício de um nome *db* (Benz, 1972, p. 108) e a possibilidade (apesar de duvidosa) de que o suporte estivesse fragmentado na sua face direita, leva a considerar se o *waw* não será uma conjunção copulativa unindo possivelmente dois antropónimos. Contudo, a reconstrução ficaria assim tão complexa que seria improvável.

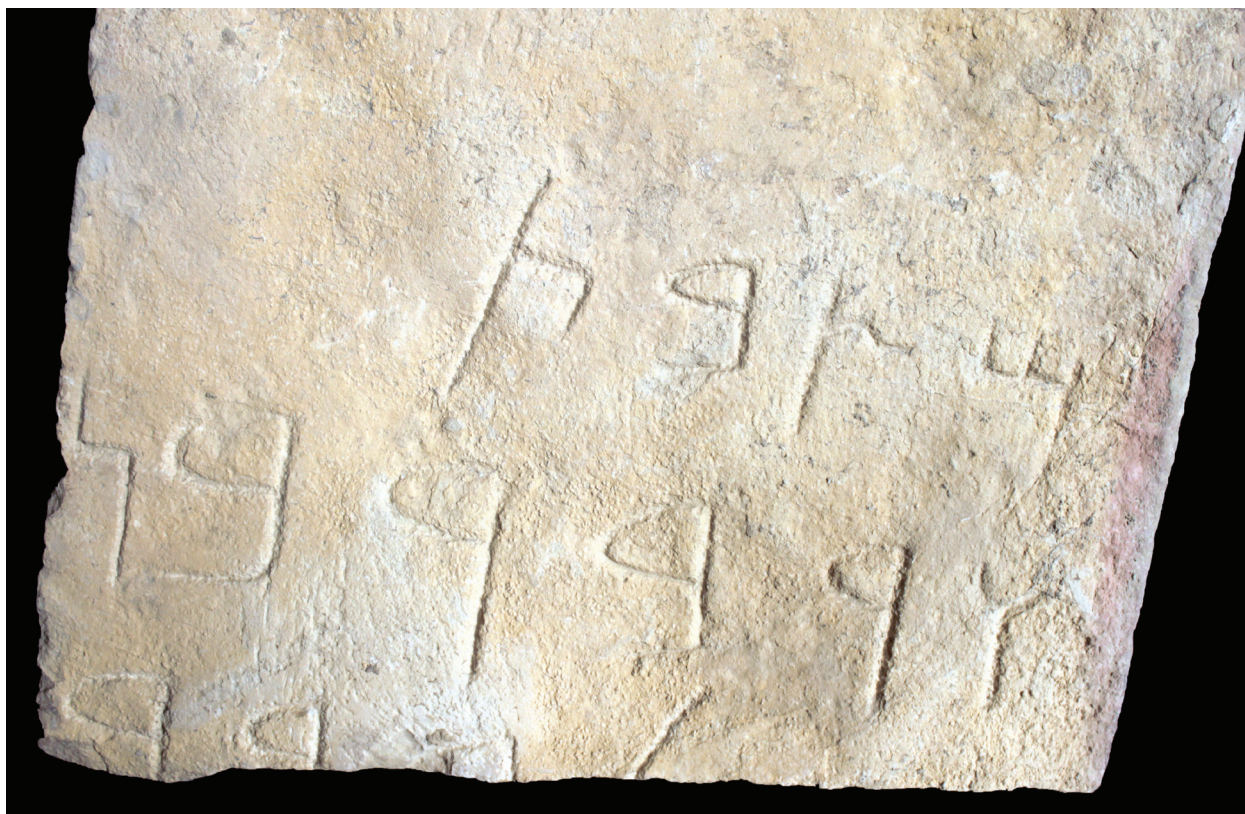


Fig. 6 – Detalhe da inscrição.

Fig. 7 – Imagem geral da epígrafe.



⁵ Especialmente quando os achados epigráficos fenícios na região eram até agora muito escassos, pois procedente de Lisboa tínhamos apenas um grafito (Zamora, 2014), agora a revalorizar: apesar de testemunho móvel e portanto potencialmente importado, encontra-se geograficamente próximo da nova epígrafe (surgiu no Castelo de São Jorge), tendo semelhanças ao nível da datação (pois o seu contexto foi datado do século VI a.C., sendo as suas características gráficas algo anteriores) e até do conteúdo (pois talvez apresente vestígios de onomástica local).

mais específicos e não menos interessantes. Demonstra que a área do achado pode corresponder em algum momento (pelo menos durante o século VII a.C.) a uma zona de necrópole da antiga *Olisipo*, ou não se encontrar muito afastada desta. Vem então mostrar a existência neste sítio de indivíduos capazes de redigir e inscrever sobre pedra um texto fenício, o que dá um alcance e dimensão adicional a esta presença fenícia (que perante estes dados dificilmente pode ser considerada como reduzida ou ocasional). A existência de conhecedores da escrita fenícia e dos seus costumes epigráficos vem trazer luz sobre a introdução e desenvolvimento da própria escrita e os seus usos (especialmente os epigráficos) tanto na fachada atlântica peninsular⁵ como em toda a Península Ibérica (pois não estamos apenas perante a mais antiga amostra de escrita na zona, como também na presença de um dos mais antigos testemunhos de epigrafia monumental lapidar no Ocidente).

Bibliografia citada

- AMARO, Clementino (1993) – Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. In *Estudos Orientais IV, Os Fenícios no território português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, pp. 183–192.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999–2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII–VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- BENZ, Frank L. (1972) – *Personal names in the Phoenician and Punic inscriptions: a catalog, grammatical study and glossary of elements*. Roma: Biblical Institute Press.
- BUGALHÃO, Jacinta (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico dos Correeiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- HOFTIZER, Jacob; JONGELING, Karel (1995) – *Dictionary of the North-West Semitic inscriptions*. Leiden; New York, NY: Brill.
- PIMENTA, João (2003) – Contribuição para o estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 341–362.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2005) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 313–334.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2014) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: a intervenção da Rua São João da Praça. In *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenício-Púnicos*. Lisboa: Universidade, pp. 712–723.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; SILVA, Rodrigo Banha da (2014) – Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15. In *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenício-Púnicos*. Lisboa: Universidade, pp. 724–735.
- SOUSA, Elisa (2011) – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.* Lisboa. Dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ZAMORA LÓPEZ, José Ángel (2014) – *Palabras fluidas en el Extremo Occidente: sobre un nuevo grafito fenicio, hallado en la desembocadura del Tajo, que recoge un posible topónimo local*. Madrid. In BÁDENAS DE LA PEÑA, Pedro; CABRERA BONET, Paloma; MORENO CONDE, Margarita; RUIZ RODRÍGUEZ, Arturo; SÁNCHEZ FERNÁNDEZ, Carmen; TORTOSA ROCAMORA, Trinidad, eds. – *Homenaje a Ricardo Olmos: per speculum in aenigmate: miradas sobre la Antigüedad*. Madrid: Asociación Cultural Hispano-Helénica, pp. 306–314.